

UFPBNDIHR

TEXTOS

UFPBNDIHR

TEXTOS

UFPBNDIHR

TEXTOS

UFPBNDIHR

CATOLE DO ROCHA  
NOTAS A PROPÓSITO DE UM DOMÍNIO  
OLIGÁRQUICO  
NEILIANE MAIA  
TEXTOS UFPB/NDIHR Nº 13 MAIO/86

UFPBNDIHR

## A P R E S E N T A Ç Ã O

O presente trabalho é um dos resultados da pesquisa "Sistema Partidário e Eleições na Paraíba", financiada pelo CNPq e desenvolvida por uma equipe de pesquisadores ligados ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da UFPB e a Fundação Casa de José Américo.

Esta pesquisa, coordenada por nós, foi desenvolvida no NDIHR entre 1982 e 1983, sendo gerida financeiramente pela Fundação Casa de José Américo.

Como resultado final tivemos : dois textos sobre a eleição de 1982 na Paraíba, dentro do marco regional; um texto sobre a reconstituição histórica das eleições na Paraíba, (1945 - 1978); doze trabalhos sobre as eleições de 1982 em onze municípios paraibanos .

O texto "Clientelismo e Máquina Estatal na Eleições de 1982", da minha autoria, aborda a eleição no estado da Paraíba situando-a dentro do marco regional. Um resumo desse trabalho foi publicado em 1985 pela Editora Massagana, da Fundação Joaquim Nabuco de Recife, numa coletânea organizada por Joaquim Falcão, intitulada NORDESTE ELEIÇÕES. O texto integral será publicada em 1986 pela Editora Universitária da UFPB.

José Otávio de Arruda Melo, além de elaborar um volumoso texto sobre a eleição estadual, se deteve especialmente na análise da eleição na capital, o que originou um ensaio, publicado pelo boletim nº 6 do Departamento de Geociências da UFPB.

Maria João Nazareth de Oliveira estudou especificamente o comportamento da população de baixa renda da capital, como parte da pesquisa de sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais, da qual passei a ser orientadora. Os outros municípios pesquisados foram: Campina Grande (William Tejo), Sapê (Plauto Mesqui

ta de Andrade), Alhandra e Conde (Nely Cavalcanti), Catolê do Rocha (Neiliane Maia), Patos (Flávio Sátyro), Cajazeiras (Francisco Cartaxo Rolim), Teixeira (Teresinha de Jesus Ramalho Pordeus), Princesa (Mariângela Sitônio Wanderley) e Conceição (Cristiano Zenaide Paiva).

Rosa Maria Godoy Silveira fez o levantamento e elaborou o texto sobre "Reconstituição Histórica das Eleições na Paraíba (1945 - 1978): Resultados e Tendências..

A equipe inicial de dezessete pesquisadores ficou reduzida a onze, com o conseqüente sacrifício de algumas propostas no projeto original.

A escolha dos municípios foi feita em função da sua importância sócio-política e econômica, ou por apresentarem especificidades de alto interesse para a pesquisa, como o coronelismo ou a existência de áreas de tensão social.

A equipe além da utilização de acervos bibliográficos e documentais, fez uma atenta leitura e fichamento do noticiário político dos principais jornais e revistas paraibanos e de circulação nacional.

Inúmeras entrevistas foram realizadas com candidatos, líderes políticos e comunitários. Algumas foram gravadas, outras, destinadas a pesquisar os bastidores da política, não tiveram registro formal, mas desvendaram aspectos valiosos que de outra forma teriam sido perdidos.

Os debates na TV, no rádio, na Universidade, os comícios, as reuniões partidárias etc... todos foram acompanhados e registrados pelos membros da equipe.

Junto com José Otávio participamos de debates sobre as eleições, abertos ao público no rádio e na Universidade. Ambos escrevemos artigos para os jornais locais.

A equipe reunia-se periodicamente para debater, analisar e avaliar os principais acontecimentos políticos do momento.

Humberto Melo fez um levantamento da legislação eleitoral brasileira, de 1945 à 1962, cujos resultados foram expostos ao grupo. Infelizmente não resultaram num texto escrito.

José Otávio realizou um levantamento preliminar da situação política dos municípios a serem pesquisados, na fase inicial da campanha, que abriu o debate interno.

O historiador Décio de Freitas, convidado a prestar uma assessoria à equipe, logo na fase inicial da pesquisa, nos forneceu os parâmetros metodológicos da mesma.

Bastou seu estímulo inicial. A partir daí, a equipe caminhou sozinha, a ele nosso agradecimento.

Naturalmente não foi fácil coordenar um grupo tão numeroso, formados por profissionais de áreas diversas (História, sociologia, Ciência Política, Ciências Jurídicas) cada qual com sua visão própria do fato político e seu estilo próprio de trabalho.

Como coordenadora nos coube a tarefa de delimitar os principais objetos de estudo e de padronizar, na medida do possível, a confecção das monografias.

Os primeiros textos produzidos foram lidos e discutidos em grupo para efetuar eventuais modificações. Os textos elaborados posteriormente, fora do cronograma previsto, foram por nós revisados.

Cada pesquisador teve ampla e irrestrita liberdade nas suas análises cabendo-lhes portanto a total responsabilidade pelo produto final.

Maria Antonia Alonso de Andrade

CATOLÉ DO ROCHA: Notas a propósito de um domínio oligárquico

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. NOTAS SOBRE O MUNICÍPIO .....	2
3. REPÚBLICA VELHA: O SISTEMA E O PODER POLÍTICO .....	10
4. OS MAIA NO 1 <sup>o</sup> PERÍODO VARGAS, 1930-45 .....	13
5. OS MAIA E A REDEMOCRATIZAÇÃO: 1945-64 .....	14
6. OS MAIA E AS ELEIÇÕES DE 1976 e 1982 .....	15
7. CONCLUSÃO .....	19
8. NOTAS .....	22
9. ANEXOS .....	24

## I. INTRODUÇÃO

O Município de Catolê do Rocha exemplifica, em sua trajetória política a permanência do poder político de uma oligarquia dominante sob a forma coronelística, tal como ocorre desde o Império, quando o coronel desempenhava papel junto ao aparelho repressivo do Estado, participando, dessa maneira, da preservação da ordem dominante.

Na República, o "Coronel" passa a ter papel importante na legitimação do regime instaurado no país, notando-se, como antes, sua ação no controle dos movimentos sociais de rebeldia, contemporizados ou reprimidos pela interveniência direta do tal personagem político<sup>1</sup>.

Com a redemocratização e a tentativa de modernizar o sistema capitalista vigente, a figura do "Coronel" passa a controlar o poder sob formas diversas, seja intercedendo junto ao Estado na concessão de empréstimos, como "arranjando" empregos e daí obtendo votos e mantendo suas bases eleitorais.

Nos últimos tempos, atravessou o Coronel a fase do autoritarismo implantado no Brasil pelo golpe de 64, desempenhando seu papel de forma paternalista-clientelística junto a seu eleitorado.

Nas eleições de 82, o voto vinculado garantiu a supremacia das eleições municipais em detrimento da eleição majoritária para o governo do Estado, demonstrando-a assim, ainda uma vez, a importância das oligarquias dominantes nos diversos municípios na definição do poder político a nível estadual.

## 2. NOTAS SOBRE O MUNICÍPIO

### 2.1. Dados Históricos

O Município de Catolê do Rocha, teve a colonização de seu território iniciada em 1774. Seu fundador foi o Tenente-Coronel Francisco da Rocha Oliveira que o implantou no lado do Riacho de Águas Perenes, Agon. A denominação municipal é derivada da existência da palmeira de nome Catolê, que existia em abundância na região, tomou o nome "Rocha" em homenagem a seu fundador.<sup>2</sup>

O município foi criado pela Lei Provincial n.º 5, de 26 de maio de 1834, tendo sido seu território desmembrado do município de Pombal.<sup>3</sup>

Catolê do Rocha localiza-se na micro-região do Baixo Sertão de Piranhas, ocupando uma área aproximada de 418 Km<sup>2</sup>. Tem como limites Leste e Sul os municípios de Belém do Brejo do Cruz, Brejo do Cruz, São Bento, Riacho dos Cavalos e Brejo dos Santos, limitando-se a Oeste e Norte com os municípios pertencentes ao Estado do Rio Grande do Norte, de Patu Almino Afonso e João Dias.<sup>4</sup>

O clima da região caracteriza-se como semi-árido, quente com chuvas (em períodos normais) de março a junho, dispondo o município de alguns riachos e certa quantidade de açudes de pequeno e médio portes que represam as águas, por todo o ano.

A população apresenta ritmo de crescimento razoável, tendo passado de 21.291 habitantes em 1960, para 26.398 em 1980.<sup>5</sup> Vale ressaltar que, durante esse período, foram desmembrados de Catolê os antigos distritos de Jericó, Riacho dos Cavalos e Brejo dos Santos, que passaram a categoria de municí -

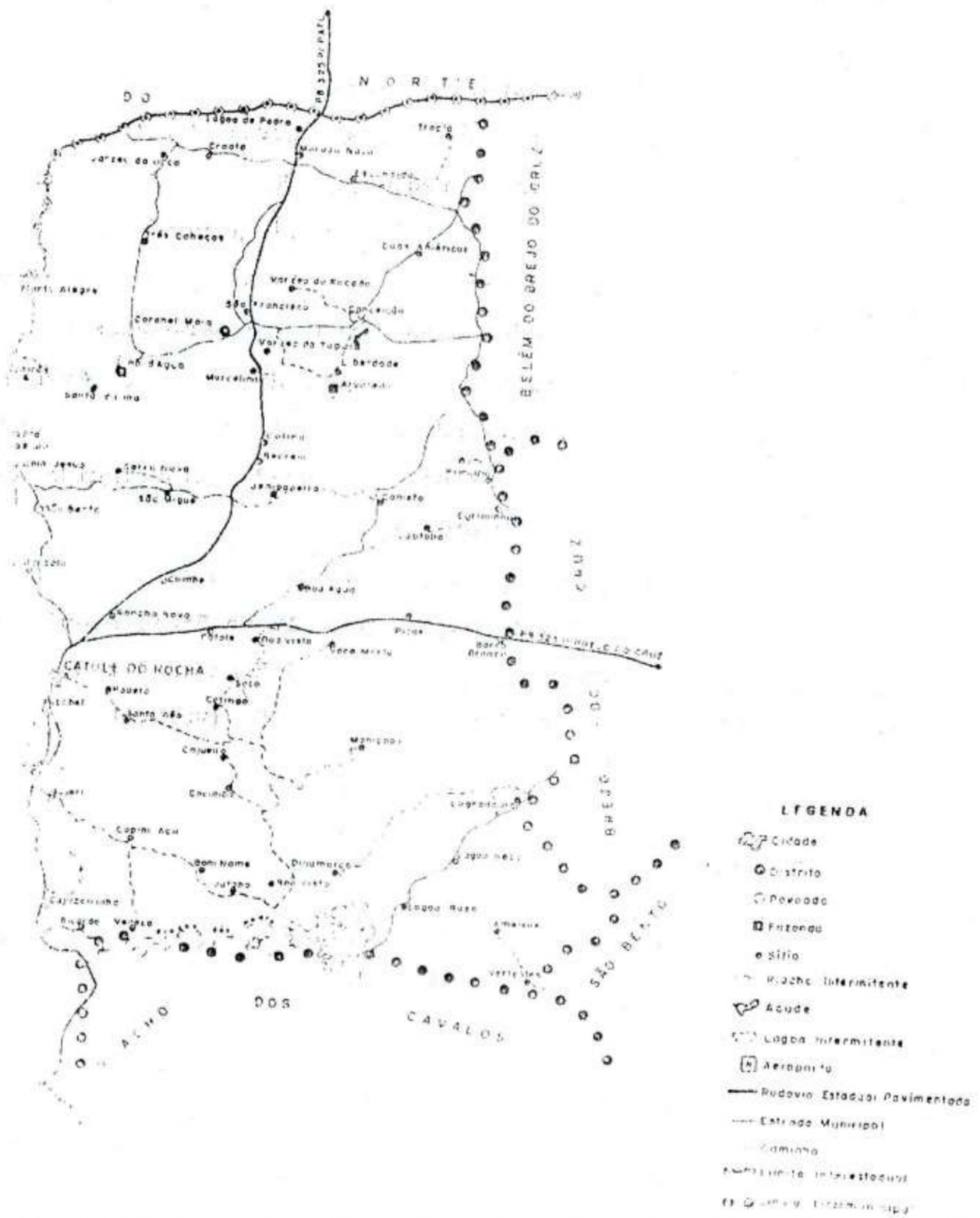
pios em 1959, 1961 e 1965, respectivamente.

## 2.2. Estrutura Fundiária

O Município de Catolê do Rocha possui 418 Km<sup>2</sup> de área sendo que 41.376 ha pertence a zona rural. Na distribuição dos estabelecimentos rurais da região, conforme dados de 1975, há uma concentração de 43.2% da área, em 11 propriedades acima de 1.000 ha, contra a dispersão de 4.1% divididos em 534 minifúndios (1 a 10 ha). A área média das grandes propriedades é de 2.138,5 ha e dos minifúndios é de 4.0 ha. Há, também, estabelecimentos intermediários, variando de 10 a 1.000 ha, perfazendo um total de 3.560 ha da área restante ocupada, distribuída por 432 propriedades, conforme Tabela I.

O uso de terras em Catolê do Rocha é exercido pelos proprietários que detêm a produção em 90,1% da área, seguido "ocupante de terra" em 8,4%, sendo 1,3% da área explorada por arrendatários e 0,2% em regime de "parceria" (Ver Tabela II)

# MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA



## LEGENDA

- Cidade
- Distrito
- Povoado
- Fazenda
- Sítio
- Rocha Intermitente
- Açude
- Lagoa Intermitente
- Aeroporto
- Rodovia Estadual Pavimentada
- Estrada Municipal
- Caminho
- Estação Interestadual
- Estação Municipal

MAPA 1

TABELA I  
 ESTRUTURA FUNDIÁRIA  
 MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO RÓCHA  
 1970 / 1980

	1970				1975				
	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%	ÁREA TOTAL	%	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%	ÁREA TOTAL	%	
1 - 10	605	52,4	2.100	4,9	524	54,2	2.172	4,1	
10 - 20	146	14,1	2.113	4,7	144	14,9	2.031	3,6	
20 - 50	142	13,7	4.433	10,1	139	14,4	4.294	7,9	
50 - 100	72	7,0	5.045	11,4	79	8,2	5.548	10,2	
100 - 1000	64	6,2	20.192	45,5	70	7,2	16.808	30,9	
Acima - 1000	6	0,6	10.374	23,4	11	1,1	23.524	43,2	
TOTAL	1.035	100	44.392	100	967	100	54.427	100	
									56,3
									240,0
									70,2
									31,0
									14,4
									4,0
									ÁREA MÉDIA DOS ESTABELECIMENTOS POR CLASSE DE ÁREA

TABELA II  
SITUAÇÃO DOS PRODUTORES  
MUNICÍPIO DE CATALÉ DO RIOCHA  
1970/80

ESPECIFICAÇÃO	1970				1975			
	Nº	%	ÁREA	%	Nº	%	ÁREA	%
Proprietários	833	80,5	39.363	88,7	857	88,6	49.042	90,1
Arrendatários	35	3,4	2.976	6,7	22	2,3	694	1,3
Parceiros	13	1,7	231	0,5	03	0,3	118	0,2
Ocupante	149	14,4	1.515	4,1	55	5,8	4.573	8,4
TOTAL	1.035	100	44.390	100	967	100	54.427	100

FCNTE: Censo Agropecuario do Estado da Paraíba - 1970/75

A agricultura é sua principal atividade econômica, desenvolvendo-se na área, principalmente, a cultura do algodão. A partir de 1977, após estudos efetuados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária S.A. (EMBRAPA), Empresa Estadual de Pesquisas Agropecuária (EMEPA) e POLONORDESTE, o algodão arbóreo, até então o mais explorado na região, passou a ser substituído pelo herbáceo que, "além de possuir uma fibra longa e uniforme, apresenta características de maior produtividade e boa qualidade. Em 1979, do total de algodão explorado, cerca de 93% pertenciam ao algodão herbáceo, ocupando uma área de 9.860 ha".<sup>8</sup>

O algodão herbáceo, não permite em área de seu plantio o consórcio com a cultura de subsistência, prejudicando o trabalhador que tinha sua sobrevivência e de sua família assegurada nas áreas onde anteriormente se plantava o algodão arbóreo.

Desse modo, o feijão, o milho e a mandioca, que o trabalhador cultivava por mais de 04 anos entre os arbustos do proprietário, quando do plantio do algodão arbóreo, na substituição pelo algodão herbáceo não são mais plantados. Com tal mudança no cultivo, os proprietários evitam o vínculo empregatício a que, pelo Estatuto da Terra, os parceiros ou moradores têm direito: evitam, igualmente, a indenização correspondente aos melhoramentos que tenham beneficiado a terra, (inclusive culturas com ciclo superior a um ano), no caso de demissão ou expulsão dos trabalhadores.<sup>9</sup> (Tabela III)

Em 1979, 78,9% de área agrícola era ocupado pelo algodão, ficando as culturas do milho, feijão, gerimun, arroz, produtos de subsistência do homem do campo, restritas a apenas 9,1%. Cada dia o trabalhador do campo sente mais a impossibilidade de sua permanência na zona rural, evadindo-se para as periferias das cidades grandes, gerando os problemas sociais

## TABELA III

PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS  
MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA

1977 / 80

PRODUTOS	UNIDADE DE MEDIDA	1977			1978			1979		
		ÁREA (HA)	QUANT.	VALOR CR\$ 1.000,00	ÁREA (HA)	QUANT.	VALOR CR\$ 1.000,00	ÁREA (HA)	QUANT.	VALOR CR\$ 1.000,00
Algodão	t	6.991	1.253	7.543	5.000	750	6.750	3.800	456	8.208
Algodão	t	7.131	1.131	9.635	7.900	3.510	28.080	9.860	5.754	92.064
Arroz	t	100	120	240	90	31	162	162	12	84
Cana de Açúcar	t	90	3.600	436	34	3.440	688	80	3.200	1.920
Feijão	t	1.700	510	2.652	1.400	538	2.940	1.500	300	4.500
Milho	t	2.000	1.000	1.200	1.600	830	2.640	2.000	800	4.000
TOTAL	t	17.912	7.619	21.761	15.974	9.249	41.260	17.402	10.522	108.776

FONTE: Censo Agropecuário do Estado da Paraíba - 1977/80

Anuário Estatístico da Paraíba - 1980 - FIPLAN / SEPLAN

OBS: Valores e preços correntes.

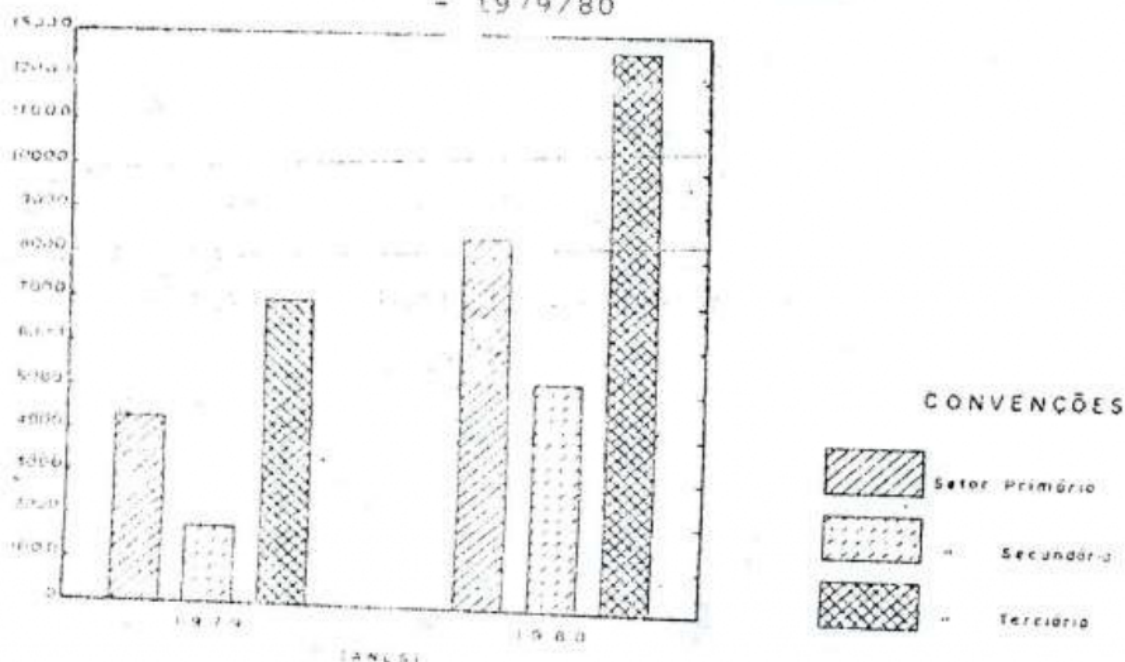
tão conhecidos e de tão difíceis soluções.

O setor industrial no município, apresenta uma participação bastante reduzida em sua economia.

Caracteriza-se pela existência de pequenas indústrias de beneficiamento de algodão, sendo notado um aumento de outras pequenas indústrias de diversos ramos, beneficiadas por incentivos de programas estatais específicos como os do Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa da Paraíba (CEAG).

O setor terciário vem ocupando maiores espaços com suas atividades, devido ao fato do município ser sede regional de várias entidades prestadoras de serviços, como o Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa da Paraíba (CEAG), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Companhia Integrada de Desenvolvimento Agropecuario da Paraíba (CIDAGRO) Delegacia da Secretaria da Agricultura. Catolé, possui 5 agências bancárias: Banco do Estado da Paraíba (PARAIBAN), Banco do Brasil, Banco Brasileiro de Descontos (BRADESCO) e Caixa Econômica Federal.

ARRECADAÇÃO DO ICM  
MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA  
- 1979/80



Pecuária

Em 1979, o contingente bovino da região constituía 93% do rebanho animal, constando de 13.300 cabeças de gado, predominando exemplares mestiços, seguindo-se em escala mínima suínos e ovinos.

EFETIVO E VALOR DA PRODUÇÃO  
DE ORIGEM ANIMAL  
MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA  
1977 / 1980

DISCRIMINAÇÃO	VALOR		VALOR	
	EFETIVO	CR\$ 1.000.00	EFETIVO	CR\$ 1.000.00
Bovinos	13.300	95.304	13.300	105.682
Asininos	500	200	450	225
Muare	522	555	400	1.600
Equinos	450	900	500	1.500
Suínos	1.315	594	1.578	1.534
Caprinos	600	210	500	400
Ovinos	1.200	480	1.300	1.300
Galinhas, Perus e Patos	17.917	914	14.999	1.538
Total	35.504	89.157	33.027	113.779

FONTE: Produção da Pecuária Municipal - 1977/1980

Região Nordeste - ud. 5 - SEPLAN

### 3. REPÚBLICA VELHA: O SISTEMA E O PODER POLÍTICO

#### 3.1. O Espólio político dos Coronéis

Dois últimos tempos de monarquia a implantação da República, o espólio político em Catolê do Rocha foi dividido sucessivamente, entre três "coronéis": Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos, Waldevino Lobo e Benevenuto Gonçalves.

Com a República estabelecida, Catolê do Rocha era dominada politicamente pelo coronel Francisco Maia, amigo pessoal e correligionário do conservador Venâncio Neiva, juiz de Direito da Comarca de Catolê do Rocha, quando nomeado para exercer o governo do Estado da Paraíba em 1889.

Com a queda do Marechal Deodoro, há uma reorganização do poder político estadual, sendo nomeado governador o Major do Exército Álvaro Lopes Machado.

Em Catolê do Rocha, retorna como chefe político dos mais poderosos na época, o coronel Waldevino Lobo que, como diz Celso Mariz, "foi, em seus grandes dias, um deus pequeno que fazia e desfazia as coisas ao próprio arbítrio".<sup>10</sup> Eleito deputado à nova Constituinte estadual de 1892, estreita relações com membros do Partido Liberal, figurando ainda nas legislaturas seguintes até 1907, quando goza de grande prestígio durante os governos de Álvaro Machado - Walfredo Leal (1892-96) Gama e Melo (1896-1900), Peregrino de Carvalho (1900-1904) grande parte do segundo governo de Alvaro Machado - Walfred<sup>11</sup> Leal.

No processo sucessório para Presidente do Estado, em 1908, há divergências entre os dirigentes do Antigo Partido Liberal, Alvaro Machado e Gama e Melo, ocorrendo cisão. ala liderada por Álvaro Machado, com o apoio dos "venancistas" até então contrários ao governo, viu-se fortalecida pela adq

são de chefias políticas municipais.<sup>12</sup>

Em Catolê do Rocha, os Maia, liderados pelo Coronel Francisco apoia a ala Álvaro Machado, enquanto o Cel. Valdevino Lobo fica com Gama e Melo. Um pouco antes, em 1906, ocorreu um movimento contra o Cel. Valdevino, formado por uma coligação chefiada pelo próspero comerciante local, Cel. Benevenuto Gonçalves, apoiado pelo Cel. Maia e seus filhos, pela família Suassuna, por Antonio Gomes de Arruda Barreto e outros.

Dada a oposição política do Cel. Valdevino face a política estadual, este perde o prestígio e é nomeado prefeito o Cel. Benevenuto que ocupa a chefia política e se mantém como prefeito do município entre 1907 e 1927, quando de sua morte. Como vice-prefeito permanece o Cel. Francisco Maia.<sup>13</sup>

Durante esse longo período de mando político, as chefias de Catolê do Rocha compactuaram com os benefícios das diversas sucessões no plano estadual, fortalecendo-se ainda mais com o advento do Epitacismo em 1915.

### 3.2. Educação e Política

Além da vida política da cidade, faz-se necessário mencionar nesta retrospectiva, aspectos da vida cultural do município. Antonio Gomes de Arruda Barreto, natural do município de Pedra Lavrada foi levado a Catolê do Rocha pelo coronel Francisco Maia para lecionar, tendo como alunos, principalmente seus filhos e de alguns amigos da vizinhança. Passaram por sua escola, entre outros, João Suassuna e João Agripino (pai de atual Deputado Federal), figuras que vieram, posteriormente, exercer atividades políticas na região. Posteriormente, Antonio Gomes fundou um colégio no vizinho município de Brejo do Cruz, para onde convergiam os filhos dos proprietários rurais da região e municípios vizinhos como Catolê do Rocha, Patos, Pombal, etc., con

figurando-se como o único centro educacional que dava acesso direto às escolas de nível superior.

Antonio Gomes era autodidata. Casando-se seguidamente com 2 das filhas do Coronel Maia, após enviudar pela segunda vez, casa-se a 3<sup>a</sup>. com uma irmã de João Suassuna.

Em 1900 transfere o Colégio para Mossoró, no Rio Grande do Norte, fechando-o em 1904 para exercer a advocacia em Catolé do Rocha e municípios vizinhos. Paralelamente, exercia o jornalismo, colaborando nos jornais da região. Em 1906 fez parte da coligação dos Maia e Suassuna contra o coronel Valdevi no Lobo, elegendo-se deputado estadual em 1908 e vindo a falecer em 1909 na capital do Estado. <sup>4</sup>

### 3.3. Ascensão Política dos Suassuna

Já rompidos politicamente com os Maia desde 1922, por motivos de ordem familiar, os Suassuna tem sua fase de apogeu político com a nomeação de João Suassuna para Presidente do Estado em 1924, graças a ligações deste, (quando juiz de Direito em Umbuzeiro) com membros da família Pessoa. Em Catolé do Rocha é nomeado prefeito Antonio Suassuna, ficando a família Maia no ostracismo até o governo de João Pessoa, quando ntoma seu antigo prestígio.

Com o assassinato de João Suassuna, que ocorre em decorrência da morte de João Pessoa em 1930, os Suassuna perdem seu chefe, ficando sem representação política por longo período. Oswaldo Trigueiro, em Paraíba na Primeira República, sintetiza: "Pode-se dizer que a família Pessoa ele deveu tanto a ascensão política como a proscricção que o levou ao sacrifício final". <sup>15</sup>

#### 4. OS MAIA NO PRIMEIRO PERÍODO VARGAS: 1930-45

Com a revolução de 1930, os chamados "perrepistas" foram afastados dos cargos que até então ocupavam e os "liberais" nomeados para exercê-los.

A chefia política do município de Catolé do Rocha se fortalece com o coronel Sérgio Maia a frente; é nomeado para prefeito o Dr. Américo Sérgio Maia, seu sobrinho. Não houve modificações política após 1930, quando a família Maia domina toda a região sem qualquer oposição. Com a criação de novos partidos, a oligarquia de Catolé do Rocha vai para o chamado Partido Progressista, chefiado por José Américo de Almeida, não havendo ali núcleos da Aliança Nacional Libertadora, nem da Ação Integralista, devidamente organizados no município.

Com a nomeação de Argemiro de Figueiredo em 34 para o governo do Estado, aumenta o prestígio dos Maia. Catolé do Rocha, com o Dr. Américo Maia ocupando a prefeitura entre 1930-35, passa a contar com algumas características de urbanização, tais como alinhamento de ruas, eletrificação, cadeia pública, mercado, etc., reflexos talvez, da política desenvolvimentista de Argemiro.

Durante o governo do interventor Rui Carneiro, nomeado em 1940, a oligarquia Maia perde prestígio político, estando sempre a frente do poder municipal em Catolé do Rocha, prefeitos nomeados, adversários políticos seus. Isso por causa de inimizade pessoal e política entre o Dr. Rui Carneiro com membros da família Maia.

## 5. "OS MAIA E A REDEMOCRATIZAÇÃO": 1945-64

### 5.1. Projeção Política da família

A partir da redemocratização do país, o município de Catolé do Rocha projeta-se politicamente tanto a nível estadual como federal, através de políticos eleitos à Assembleia Legislativa, (Américo Maia) e Câmara Federal (João Agripino).

Américo Maia, chefe político da região, foi reeleito para a Assembleia Legislativa seguidas vezes, até a sua morte em 1961, ainda como deputado estadual pela extinta UDN.

João Agripino, deputado federal de 1946 a 1962, eleito senador da República em 1962 e em 1965, governador do Estado pelas legendas da UDN e (em 1965) da ARENA, foi ainda Ministro das Minas e Energia no governo de Janio Quadros em 1961 e Ministro do Tribunal de Contas da União, no governo Geisel (1972). Em 82, voltaria a disputar a Câmara Federal, quando se elege, participando na campanha para governador do Estado apoiando seu primo Antonio Mariz, dessa vez pelo partido do Movimento Democrático Brasileiro.

### 5.2. Nova Intervenção da Educação na Política

A Educação em Catolé do Rocha, contava em 1959 com um Colégio para moças, doado por um comerciante, e dirigido por freiras alemãs franciscanas. Os rapazes só estudavam até o primário, no Colégio Leão XIII. Chegando ao município do frade franciscano Francisco Muniz de Medeiros, frei Marcelino, este preocupa-se com a precária situação e funda um Colégio profissionalizante, o D. Vital, contando para isso com a ajuda do governo alemão (construção) e de um grupo de trabalho da cidade (corpo docente). O prestígio do frade vai aumentando junto

à população notadamente entre os jovens que passam a apoiá-lo politicamente. Em 1961, é criado, também sob a orientação do frade, o 1º. Sindicato Rural do Estado, no município. Em 64, contava já com 3.500 associados. Com essa base social, cresce o prestígio político de Frei Marcelino que, com visão diferente da então predominante no município, promovendo reuniões "para discussões da realidade conseguiu-se uma consciência crítica do povo de Catolê do Rocha" (sic), acirrando os animos da oligarquia local, rompendo politicamente, com ela e tornando-se uma força oposicionista na região.

17

Interessante é comprovar-se que as atividades educativas no município de Catolê do Rocha, em dois momentos abrangidos por nossa preocupação, são utilizadas em sentidos políticos adversos: no primeiro momento, para formar a elite dominante da região, (por intermédio do Prof. Antonio Gomes de Arruda Barreto) e no seguinte, servindo a classe média que, apreende o sentido da reivindicação e do não conformismo, contrapondo-se ao poder político dominante, ainda exercido pela elite anteriormente formada.

#### 6. ANÁLISE COMPARATIVA: ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1976 / 1982

Em 1976, os municípios brasileiros se preparavam para mais uma campanha política, com vistas a eleição dos prefeitos municipais. Mais uma vez, Catolê do Rocha, sob o domínio dos Maia e tendo como prefeito José Sérgio Maia em seu terceiro mandato\*, escolhe para concorrer a sucessão pelo seu partido - ARENA - o Dr. Manoel Abrantes Gonçalves, natural do município vizinho de Bom Sucesso, seu amigo e corregionário político.

O MDB apresenta como candidato o Sr. Austro Gon

\* O Sr. José Sérgio Maia, filho do Cel. Sérgio Maia, (de quem herdou a título de "Coronel"), é agropecuário na região, possui atualmente terras que perfazem pouco mais de 3.000 ha, e rebanho bovino de 700 a 800 cabeças de gado. 18  
O seu primeiro mandato para prefeito municipal foi de 1951 a 1955, o 2º. de 1959 a 1963 e o 3º. de 1973 a 1977.

çalves Diniz, comerciante com bom relacionamento na cidade. Como resultado o já esperado: o candidato do Coronel conseguiu se eleger por uma maioria de 1901 votos, num eleitorado de 9.433 eleitores, colocando além disso, na Câmara Municipal 5 vereadores da Arena e um do MDB.

Para melhor se entender a posição política partidária da família Maia frente às eleições de 82, há necessidade de um retrospecto que se inicia com a pretensão do então deputado federal Antonio Mariz em se tornar governador do Estado da Paraíba em 1978.

Naquela ocasião, tendo como certa sua indicação pelo governo central, viu ocorrer na última hora sua substituição pelo nome do Professor Tarcísio de Miranda Burity, recomendado para homologação do partido a nível estadual. Face a isto, o Deputado Mariz se candidata mesmo assim, a convenção contrariando determinações do Planalto.

Foi, pois, derrotado pelos convencionais da Arena, em movimentada eleição, a família Maia, liderada pelo Ministro João Agripino, que então volta às atividades da política partidária, do que se afastara desde que deixara o governo em 1971, quando se ligou à empresa privada.

Na campanha de 1978, sendo Mariz candidato a deputado federal pela ARENA, passa a apoiar o candidato a senador pelo MDB, Humberto Lucena que competia com o ex-governador Ivan Bichara.. O oposicista conseguiu se eleger, reconhecendo-se por isso a validade do apoio prestado por João Agripino o que incluía o posicionamento de Mariz.

A partir daí, a família, mais uma vez liderada pelo Ministro João Agripino, consolida posições oposicionistas. Com o fim do bi-partidarismo e criação de novos partidos, os Maia fazem opção pelo partido Popular - PP.

Com a incorporação do PP pelo PMDB em 81, a fami

lia segue tal orientação, concorrendo com candidatos próprios às eleições de 82 desde a governador do Estado com Antonio Mariz, apresentando Americo Maia\* para a Assemblêia Legislativa e, a nível municipal concorrendo, em Catolé do Rocha, com dois irmãos, José Octávio e Lauro Maia de Vasconcelos para os cargos de Prefeito e vice-prefeito respectivamente.

Filho do Coronel José Sérgio Maia, chefe político do município, a escolha desses candidatos se deu, segundo o Coronel, por exigência do povo que dizia "só votar em candidatos de sua casa".<sup>19</sup> Para apresentá-los como candidatos, o "Coronel", recorre pois, uma "consulta as suas bases" concluindo pela aprovação dos nomes de seus filhos, conseguindo assim, inviabilizar as pretensões de correligionários seus e continuar no domínio do município, ele próprio elegendo-se vereador e posteriormente, Presidente da Câmara.

Com estas postulações o poder político local tradicional transforma-se em oposição, concorrendo a dupla José Octávio / Lauro Maia contra três candidatos do PDS e um do PT. Entre os candidatos do PDS, Aldo Lobo Porto Filho e Belmiro Xavier, tinham sido antigos correligionários do Coronel José Sérgio. Pic Suassuna Neto o terceiro na legenda situacionista, é descendente da família tradicionalmente opositora dos Maia no município. Assinala-se que o PT, sem a mínima condição de vencer, só compete para marcar posição de independência.

Para que se viabilizassem essas candidaturas, os postulantes receberam apoio de candidatos a deputado, tanto federal como estadual do PDS. Com bastante penetração na área, o Deputado Francisco Pereira (estadual) e seu filho Adauto Pereira (federal) não lograram votação expressiva nessas eleições por haver outros candidatos com atuação mais efetiva como Francisco Evangelista, candidato a Deputado Estadual, nascido em Catolé do

\* Américo Sérgio Maia, representante da família na Assemblêia Legislativa, irmão do Cel. José Sérgio.

Rocha que fazia "dobradinha" com o ex-governador Tarcísio Burity, candidato a Deputado Federal (obtiveram 1594 e 1540 votos respectivamente). O PDS durante a campanha foi bastante atuante, tendo havido, como em todo Estado, distribuição de benesses, o que incluiu até doações de máquinas de costura, que desfilaram pela cidade em caminhões ...

Fato a merecer registro foi o desgaste político do Frei Marcelino. Este demonstrara possuir grande prestígio junto a população na campanha para prefeito em 1968, na qual concorreu pelo MDB, contra o Sr. Benedito Alves Fernandes, candidato pela ARENA, obteve 1718 votos contra 2625 dados ao candidato pela ARENA (filho do gerente da fazenda Olho D'Água de propriedade do Coronel José Sérgio, pessoa de sua inteira confiança, proposto para o cargo de prefeito por indicação do Coronel).

Em 82, Frei Marcelino, candidatou-se a Deputado Estadual pelo PT, partido que optou após a filiação dos Maia, históricos adversários políticos, no PMDB, obtendo em Catolé do Rocha 218 votos. O dessenso político justifica-se pelo afastamento do frade do município desde 1972, tendo concentrado suas atividades na Capital do Estado, ano em que assumiu, como suplente de deputado, à Assembleia Legislativa e, posteriormente, dedicando-se a vida acadêmica como professor da UFPB. Outro fator que poderá justificar o dessenso, é que, a maioria dos jovens, seus liderados na época de sua militância política oposicionista no município também se afastaram para estudar na Capital do Estado, onde radicaram-se como profissionais.

## 7. CONCLUSÃO

Nesta análise da História política de Catolê do Rocha, ficou clara a estrutura de poder oligárquico-coronelístico dominante no município, bem marcados pelo domínio de uma única família.

A hegemonia desta família se impôs no período da República Velha, através de acordos com o esquema federal e estadual de governo, realizados nas conjunturas de mudanças políticas, quando os Maia sempre conseguiram se aliar com a facção vencedora das disputas.

Na conjuntura de 1930, esta hegemonia é reforçada e consagrada pelo apoio dado à Aliança Liberal e à figura de João Pessoa através de compromisso anterior da família com o epitacismo. Apesar das mudanças constitucionais e do fim do coronelismo como forma dominante de poder no Brasil, em Catolê do Rocha a hegemonia dos Maia permanece inalterada, dada a total ausência de uma oposição consistente. Nessa época, dificilmente esta oposição poderia surgir, pela perseguição declarada aos perrepistas, representados no município pela família Suassuna.

Com o advento do Estado Novo, a oligarquia se viu mais uma vez prestigiada no governo do interventor Argemiro de Figueiredo que teve como seu Secretário de Agricultura o médico Dr. Américo Maia de Vasconcelos, chefe político do município de Catolê do Rocha.

Já na interventoria do Dr. Rui Carneiro, a família Maia passará a um período de desprestígio e mesmo de ostracismo político, devido à inimizades de ordem pessoal e política entre o interventor e membros daquela família. Nesse período, os prefeitos nomeados em Catolê do Rocha são sempre oposicionistas aos Maia.

Com a redemocratização do país, a família se fortalece uma vez mais com um representante na Constituinte de 1946 - João Agripino - e se faz representar também na Assembléia Legislativa, iniciando, assim, sua projeção a nível nacional.

Em 1958, há divergências internas na UDN, então chefiado Argemiro de Figueiredo. No momento de se definir o candidato do partido ao Senado Federal - José Américo ou Rui Carneiro -, Argemiro não aceita a decisão da cúpula partidária em apoiar José Américo e rompe com o partido, ficando João Agripino, a partir de então, na chefia política da UDN.

Com o golpe militar de 1964, a reformulação partidária e a implantação do bipartidarismo no país, a família Maia entra nas hostes do "partido revolucionário" - a ARENA, sedimentando seu prestígio com a eleição de João Agripino ao governo do Estado em 1965.

Nas eleições de 1982, tendo a família Maia optado pelo partido de oposição ao governo central - PMDB, permanece a hegemonia local no município, chefiado pelo Sr. José Sérgio Maia que consegue, com seus filhos candidatos a prefeito e vice-prefeito do município, uma equivalência dos votos da eleição anterior em 1976, quando concorria com candidato preposto seu, pela legenda do PDS.

Neste estudo de caso específico de Catolê do Rocha, fica demonstrado que o sistema oligárquico-coronelístico persiste, lá como em outras regiões do país, resistindo às transformações, apresentando-se sob modos diversos de dominação e acompanha o formas de governos, desde a monarquia à república, passando por endurecimentos de regimes como o Estado Novo e o golpe militar de 1964.<sup>21</sup>

O governo se beneficia da dependência do eleitorado rural mesmo ele estando sob domínio das oligarquias oposicionis-

tas, pois, como sistema político, o coronelismo tem características predominantemente governnistas.

22

Só uma réformulação profunda na estrutura agrária do país possibilitará uma nova mentalidade do homem do campo que, se conscientizando de si mesmo como produtor e dono da terra em que trabalha, saberá escolher seus dirigentes de forma independente, pondo fim ao sistema oligárquico-coronelista.

N O T A S

1. MARTINS, Paulo Henrique N. Coronelismo, Poder Burguês e movimentos populares.
2. MARIZ, Celso. Notícias Históricas de Catolé do Rocha. Coleção Mossoroense, vol. CXXII, 1980.
3. Enciclopédia dos Municípios Paraibanos. João Pessoa, Correio da Paraíba, 1976.
4. Plano Diretor Urbanístico de Catolé do Rocha. SEPLAN, João Pessoa, 1982.
5. IBGE. Censo Demográfico,
6. MARIZ, Celso. Notícias Históricas de Catolé do Rocha, Coleção Mossoroense, vol. CXXII. 1980.
7. Idem
8. Idem
9. BURSZTYN, Manoel. Nova Forma de um Melhor Compromisso, 1982, min.
10. MARIZ, Celso. Obra citada.
11. MARIZ, Celso. Obra citada.
12. TRIGUEIRO, Oswaldo. A Paraíba na Primeira República. SEC/DGC. A União Editora, João Pessoa, 1982.
13. MARIZ, Celso. Notícias Históricas de Catolé do Rocha. Coleção Mossoroense, vol. CXXII. 1980.
14. Idem

15. TRIGUEIRO, Oswaldo. Obra citada.
16. MELO, José Octávio de Arruda Melo. Geografia Eleitoral da Paraíba (IV), (mimeo).
17. Entrevista com Frei Marcelino. Acervo História Oral, NDIHR, 1982.
18. Entrevista com o Sr. José Sérgio Maia. Acervo História Oral NDIHR, 1983.
19. Idem
20. Entrevista com o Sr. Cesidio Suassuna. 1983.
21. PANG, Eul-Soo. Coronelismo e Oligarquias - 1889 - 1943. Rio Civilização Brasileira, 1979.
22. LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo, Alfa-Omega, 1974, 4ª. Ed.

OBS.: Objetivando um conhecimento mais amplo da História Política de Catolé do Rocha, utilizamos as entrevistas de Manoel Maia de Vasconcelos e João Agripino Filho; existente no acervo do NDIHR.

A N E X O S

1. Relação dos Prefeitos Nomeados e Eleitos
2. Eleições para Prefeito em 1976 e 1982 (I)
3. Resultado por legenda em 1978 nas eleições para Senador, Deputado Federal e Deputado Estadual (II)
4. Eleições de 1982: Governador, Senador, Câmara dos Deputados e Assembleia Legislativa (III)
5. Deputados Federais e Estaduais mais votados (IV)

A N E X O IPREFEITOS      NOMEADOS

- 1895 a 1904 - Adolfo Fernandes Maia
- 1905 a 1907 - Francisco das Chagas Fonsêca
- 1907 a 1927 - Benvenuto Gonçalves da Costa  
Hermínio Hermenegildo Maia de Vasconcelos  
(Vice-Prefeito que assumiu após a morte do  
Prefeito)
- 1927 a 1929 - Antônio Suassuna
- 1929 a 1930 - Mancel Vieira de Freitas
- 1930 a 1935 - Dr. Américo Maia de Vasconcelos
- 1935 - Dr. João Sérgio Maia
- 1936 a 1940 - Dr. Natanael Maia Filho (eleito)
- 1940 a 1943 - Aristeu Formiga
- 1944 - Dr. Eugênio Luiz de Oliveira
- 1944 a 1945 - Manuel Emídio de Souza
- 1945 - Dr. Antônio da Nóbrega Ferreira
- 1945 - Dr. José Demétrio de Albuquerque e Silva
- 1946 - Dr. Bernardino Soares Barbosa
- 1946 - Jurandi Rodrigues Barroso
- 1947 - Otávio Olímpio Maia

PREFEITOS MUNICIPAIS DE CATOLÉ DO ROCHA

(ELBITOS)

- 1948 - 51 - Francisco Rosado Maia
- 1951 - 55 - José Sérgio Maia
- 1955 - 59 - Osório Olímpio de Queiroga
- 1959 - 63 - José Sérgio Maia
- 1963 - 65 - Isauro Sérgio Rosado Maia (renunciou)
- 1965 - 69 - Arione Maia (vice-prefeito, completo o mandato)
- 1969 - 73 - Benedito Alves Fernandes
- 1973 - 77 - José Sérgio Maia
- 1977 - 83 - Manoel Abrantes
- 1983 .... - José Octávio Maia de Vasconcelos

TABELA I

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PARA PREFEITURA E CÂMARA DOS VEREADORES NO MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA EM 1976.

	AREVA	MDB	BRANCO	NULOS	TOTAL	ELEITORADO	ABSTENÇÕES
PREFEITO	4.376	2.975	126	93	8.072	9.433	14
VEREADOR	5.332	2.272	235	133	8.072	9.433	14

Composição da Câmara dos Vereadores: AREVA - 5

MDB - 2

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PARA PREFEITURA E CÂMARA DE VEREADORES NO MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA EM 1982.

	PMDB	PT	PDS	BRANCO	NULOS	TOTAL	ELEITORADO	ABSTENÇÕES
PREFEITO	4.779	216	3.406	403	233	9.142	12.055	24
VEREADOR	4.779	216	3.406	403	233	9.142	12.055	24

Composição da Câmara dos Vereadores: PMDB - 7

PDS - 4

Obs: Em 1976, a família Maia estava apoiando o partido da AREVA e em 1982 o PMDB.

FORNTE: T. R. F. D-dos-brutos      Elaboração: Da Autora.

ELEIÇÕES PARA SENADO FEDERAL, CÂMARA DOS DEPUTADOS E ASSEMBLÉIA  
LEGISLATIVA NO MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA

EM 1978

DATA	ELEITORADO	CASA	ARENA	MDB	BRANCO	NULOS	ABSTENÇÕES	TOTAL
15-11-78	10.258	Senado	2.896	4.661	540	381		
		Câmara	5.475	2.026	675	302	1.780	8.478
		Assembléia	5.420	2.325	419	284		

FONTE: T.R.E. Dados Brutos

Elaboração: Da Autora

T A B E L A III  
 ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR, SENADO FEDERAL, CÂMARA DOS DEPUTADOS  
 E ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, NO MUNICÍPIO DE  
 CATOLÉ DO ROCHA EM 1962

DATA	ELEITORADO	CASA	PDS	PMDB	PT	BRANCOS	NULOS	ABSTENÇÕES	TOTAL
15-11-62	12.955	Governador	3.354	5.090	223	263	177	2.913	9.142
		Senado	3.354	4.970	203	470	210		
		Câmara	3.226	4.823	209	533	346		
		Assembleia	3.215	4.723	222	530	447		

FOIITE: T.R.E. Dados Brutos.

Elaboração: Do Autor

## ELEIÇÕES EM 1982

## DEPUTADOS FEDERAIS MAIS VOTADOS

PDS: Francisco Durity	1.540
Edna Tavares	1.076
Adauto Pereira	355
Total	3.226
PMDB: João Agripino	4.500
Carneiro Arnard	190
Total	4.823
PT: Francisco Gadelha	190
Total	209

## DEPUTADOS ESTADUAIS MAIS VOTADOS

PDS: Francisco Evangelista	1.594
Janduí Suassuna	710
Francisco Pereira	326
Total	3.215
PMDB: Américo Maia	4.304
total	4.304
PT: Frei Marcolino	218
Total	222

FONTE: T.R.E. Dados Brutos

Elaboração: Da Autora

TEXTOS UFPE-NDIHR JA PUBLICADOS

- 1 Rastro da Tragedia  
Mauro Guilherme Pinheiro Kourr- agosto/83
- 2 Preço da Terra, Taxa de Juros e Acumulação Financeira no Brasil  
Claudio Antonio Gonçalves Egler- setembro/83
- 3 Movimentos Sociais e Meios de Comunicação Paraíva 1917-1921  
Antonio Albino Caneles Rubim - outubro/83
- 4 A Contribuição à História dos Socialismos no Brasil: A Construção  
do Partido Socialista Brasileiro  
Silvio Frank Alon - maio/84
- 5 O Solo Urbano e Desenvolvimento Capitalista  
Tamara Tania Cohen Egler- outubro/84
- 6 Trabalho O Capitalismo Adiantado e a Classe Operaria Um Novo  
Sindicalismo.  
Joana Neves - fevereiro/85
- 7 Sobre Bananas e Bananeiros. Produção Mercantil e Relações -de  
Trabalho  
Jacob Carlos Lima - janeiro/85
- 8 Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982  
Maria Antonia Alonso de Andrade - fevereiro/85
- 9 A Igreja Popular na Imprensa Paulista  
Joana Neves - fevereiro/85
- 10 A Fome não tem Partido  
Maria Nell Cavalcanti - setembro/85
- 11 UFPE: Implicações Políticas e Sociais de sua História  
Maria das Dores Lima  
Zeluzia da Silva Formiga - abril/86
- 12 NEO-Coronelismo e Perspectivas Eleitorais na Nova República  
Maria Antonia Alonso de Andrade